

TECENDO REDES: A EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE ELABORAÇÃO DE PROJETOS CULTURAIS PARA GRUPOS DA BAIXADA FLUMINENSE/RJ

Ruth Maciel¹
João Guerreiro²

Resumo: Neste artigo iremos apresentar a experiência do primeiro Curso de Elaboração de Projetos Culturais para Grupos da Baixada Fluminense realizado pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro/Campus Nilópolis-RJ. Concebido como uma atividade de extensão universitária, teve sua primeira edição no ano de 2016. Trataremos uma reflexão sobre o papel do Curso Bacharelado em Produção Cultural em um município periférico à capital do Estado do Rio de Janeiro. Avaliaremos a contribuição do IFRJ para a produção e difusão de redes de informação e conhecimento que visam fomentar a sustentabilidade de grupos culturais da Baixada Fluminense oferecendo instrumental-técnico através da qualificação para participação em Editais de Fomento à Cultura.

Palavras-chave: Baixada Fluminense, Redes, Produção Cultural, OiCult.

Considerações Iniciais

“É dever de todos, ampliar e qualificar a formação no campo da cultura”, aponta Albino Rubim³ na Coleção Política e Gestão Culturais (2013). O autor também nos enuncia que um dos requisitos essenciais para a vitalidade da institucionalização e da organização do campo da cultura é a formação qualificada de agentes culturais, pois, “sem isto, sistemas, planos, fundos, espaços de participação, entidades representativas, gestão e as próprias políticas culturais correm risco e perigo” (p. 2). Assim como Rubin, Calabre (2009) nos afirma que para elaboração de políticas de cultura democráticas, há de se pactuar a ação do Estado – este que deve garantir à população seus direitos culturais - com outros agentes participantes: gestores, produtores e consumidores.

Mas, como sabemos, historicamente, o campo da cultura, em nosso país, no que concerne a ação do Estado seja em âmbito federal, estadual ou municipal, sofre por sua frágil organização, por sua institucionalização descontinuada, pelo despreparo e menosprezo de administrações públicas quanto aos fundos orçamentários destinados à

¹ Graduanda do Bacharelado em Produção Cultural pelo Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis. maciel.ruth@gmail.com

² Professor e Coordenador do curso de Bacharelado em Produção Cultural e do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) Campus Nilópolis (RJ).. joao.mendes@ifrj.edu.br

³ Foi secretário de cultura da SECULT-BA na época da produção do material.

pasta da cultura (quando essa pasta existe) e, inclusive, em diversos momentos, pelo autoritarismo de algumas gestões.

Apesar do ramo teórico-conceitual do setor cultural venha, desde o fim do século XX, pesquisando modelos de gestão pública que entendam o acesso a bens e serviços, produção e fruição de cultura como direito, isto é, a dimensão cidadã da cultura; que enalteilam e estimulem a diversidade – qualidade inerente da cultura em sua dimensão simbólica, os governos nem sempre promovem e garantem estabilidade básica das políticas públicas de cultura. Isso a despeito de, muitos, considerem a cultura como “elemento estratégico da chamada nova economia ou economia de conhecimento, que se baseia na informação e na criatividade, impulsionadas pelos investimentos em educação e cultura” (MINC. 2011); e, principalmente, que cada vez mais se vislumbrem o fortalecimento do contexto local dos territórios como base inicial para pensar políticas públicas, como defende Calabre (2017).

Se essa dinâmica se aplica aos grandes centros hegemônicos de poder político e econômicos, conforme podemos observar pelas (faltas) de políticas públicas de cultura por parte dos novos gestores culturais das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, ela se intensifica nos territórios sentenciados por histórias de subjugaão, dominaão, diáspora e deslocamento (BHABHA. 1998) que suscitam em hiatos nos serviços públicos das mais diversas áreas. E esse é o caso da região onde aconteceu o curso de Elaboração de Projetos Culturais - a Baixada Fluminense, região adjacente à capital do estado do Rio de Janeiro (aqui também chamada apenas de Baixada).

A Baixada - com seus treze municípios e seus 3,7 milhões de habitantes⁴, (IBGE, 2010) é coberta por uma rede de chagas confeccionada, durante décadas, com os teares dos órgãos públicos de segurança e a costura cirúrgica da Grande Mídia televisiva, impressa e virtual que difundiu no senso comum estigmas de violência e extermínio à região, bem como, a falácia de uma inexistente ou silenciada produção cultural local.

O fato é que a Baixada, assim como outros territórios tidos como periféricos, devida a sua localização espacial-geográfica distante daquilo que se estabeleceu como ‘centro’, possui processo histórico construído sob a sombra de oligarquias, desestruturaão de seu espaço físico devido a políticas de loteamento (SIMÕES, 2011) e slogans depreciativos criados por órgãos legitimadores - como o caso do município de

⁴ Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, Censo Demográfico, 2010)

Belford Roxo a que, na década de noventa, foi atribuído o rótulo de Cidade Mais Violenta do Mundo. As ausências de ação do Estado, sobretudo, na instância da segurança, corroboraram com tradições e discursos a partir de imaginários de violência.

Porém, como nos sublinha Santos (1999) não são os territórios apenas conjuntos de sistemas naturais ou coisas sobrepostas, mas sim chão-palco sobre o qual germinam e se desenvolvem as relações humanas, suas identidades. É esse *território usado* (p. 9) como local de residência, mas, também, de resistência, de trocas materiais e espirituais e de exercício da vida. Podemos afirmar, portanto, que o território age sobre os sujeitos e os sujeitos agem sobre o território, e tal processo resulta em identidades, sentimento de pertencimento e participação, bem como, na criação de suas práticas e produções culturais.

À vista disso, sobre a Baixada, podemos encontrar hoje, também, a elaboração de mapeamentos, mesmo que pontuais e que não consigam dar conta das múltiplas cenas culturais das Multi-Baixas dentro da Baixada Fluminense, mas que nos mostram seu solo fértil para produção cultural.

Onofre (2016), em seu relato sobre os circuitos independentes de saraus, cineclubes e da cena musical da Baixada Fluminense, identifica que as iniciativas pioneiras em catalogar - mesmo sem uma maior problematização dos eventos - artistas e coletivos enumerados a fim de consistir basicamente na afirmação da existência da produção local são: o “*Baixada Correndo Solta: mapeamento de atividades culturais independentes da Baixada Fluminense*” de Elaine Rodrigues elaborado em 2013 e o *Mapeamento de Grupos Criativos da Baixada Fluminense* (2015) realizado pelo Programa Brasil Próximo (p. 169). E ainda, nos relata sobre sua participação na iniciativa de mapeamento musical da Baixada Fluminense: o projeto de extensão “Rede Escuta Baixada” (2014/2015) do IFRJ – Campus Nilópolis.

Existe, portanto, um movimento contra-hegemônico, tanto de instituições, como de coletivos, artistas e grupos culturais na Baixada visando romper com os silenciamentos e criar ações solidárias entre os agentes culturais locais. Entretanto, há outro fator que contribui para esses silenciamentos, além da mídia corporativa: a dificuldade mobilidade intraurbana. Onofre exemplifica a dificuldade de circulação pela cena cultural da Baixada. Segundo o autor, é mais fácil, sair de Nova Iguaçu para o centro do município do Rio de Janeiro (41,4 km) ou para a Barra da Tijuca (56,2 km) do que chegar em Belford Roxo (8,4 km). Assim, quem circula pelas ações culturais da Baixada não o faz necessariamente por razões econômico-produtivas, mas sim, afetivas,

isto é, o que vem se construindo na Baixada não é uma rede estática, mas, sim, uma rede viva, mas com dificuldades estruturais devido a malha de transporte ter se formado no molde do sistema pendular. Há ligação da região (vista como conformado por municípios dormitórios) com a capital e não com os municípios colaterais.

Concordamos com Onofre quando este entende que o conceito do que seria uma Rede é muito complexo, pois pode ser apresentado por diversos vieses e questionado por outros. Entretanto, é inevitável que já apreendemos e usamos a palavra ‘rede’ para denotar aquilo que se é oriundo do entrelaçamento de fibras, de pontos de cruzamento ou de nós como a Rede Mundial de Computadores, as Redes Sociais, as Redes Afetivas.

Assim, ao optarmos pela realização do curso de Elaboração de Projetos fora dos muros do campus do IFRJ, buscamos atuar junto aos nós da rede cultural da Baixada. Visamos ampliar a articulação de redes de informação e conhecimento a fim de tentar auxiliar na reversão da histórica exclusão das oportunidades de consumo e criação cultural (CALABRE. 2017), principalmente neste momento político, quando o campo cultural perde muito do pouco que conseguiu se organizar e institucionalizar.

A extensão do projeto

Uma atividade de extensão estreita as distâncias entre a chamada Academia e a sociedade civil; pode abrir de forma democrática canais de troca entre fazeres e saberes indisciplinados promovendo a diversidade e, principalmente, abre as instituições de ensino ao seu entorno.

A definição de qual seria a ação desenvolvida no curso de extensão foi feita a partir do resultado de uma pesquisa realizada com produtores culturais da Baixada. Denominada de “Ações culturais na Baixada Fluminense: diálogos e autorrepresentações”, a pesquisa realizada no âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação e Pós-Graduação (PROPPI) do IFRJ, entrevistou 22 grupos culturais da região.

Nas rodas de conversas com os representantes destas ações culturais, abordamos diversos assuntos e, entre eles, as demandas desses grupos culturais que poderiam ser absorvidas pelo IFRJ/Nilópolis, mais especificamente por integrantes do Bacharelado em Produção Cultural.

Surgiram demandas de espaço físico para instalação provisória de sede de alguns dos grupos; demanda de apoio financeiro, espaço para apresentação dos grupos no IFRJ,

apoio na formatação de projetos para concorrer à editais, apoio para a execução dos projetos, apoio na prestação de contas dos projetos, entre outros.

Dentre as demandas percebemos a viabilidade de atuarmos no auxílio na elaboração de projetos culturais.

Entretanto, ao invés de propormos que os corpos docente ou discentes do IFRJ elaborassem os projetos, pensamos em realizar um processo de empoderamento das equipes dos grupos culturais, oferecendo o curso de extensão de Elaboração de Projetos Culturais.

Além da integração entre pesquisa e extensão, um dos produtos esperados do curso seria a produção de conhecimento sobre a realidade da produção cultural da Baixada. Esse produto seria apresentado nas aulas de “Políticas Culturais” ministradas pelo coordenador do projeto e, com isso, estaria integrada a metodológica de formação universitária pautada na tríade ‘pesquisa, ensino e extensão’. Outro ponto a ser ressaltado é que houve participação efetiva de quatro alunas do Curso de Bacharelado em Produção Cultural do IFRJ Campus Nilópolis em todas as etapas da produção do curso, orientadas pelo professor responsável pelo curso de extensão. O caráter prático-teórico da realização torna-se espaço potencial de reflexão e discussão conceitual e oportuniza a prática do exercício de produtor(a) cultural.

Às quatro alunas-bolsistas⁵ foram atribuídas funções de áreas de: Comunicação (Criação de Layout, material gráfico e impressão; Plano de Divulgação; Social Media; registro fotográfico e audiovisual; alimentação de domínios em Redes Sociais; bem como, o direcionamento de materiais via e-mails); Produção Executiva (alinhamento de parcerias; visita técnica ao espaço de realização; compra de insumos e no armazenamento de notas fiscais para prestação de contas; preparação e acompanhamento de inscrições; contato com ministrantes; logística de transporte para ministrantes; auxílio na prestação de contas); Assistência de produção (montagem de espaço; suporte a ministrantes; preparação e montagem de *catering*; suporte à coordenação do projeto; articulação com responsáveis pelo espaço de realização); Monitoria (planejamento de aulas; produção de relatórios; acompanhamento de frequências; produção posterior de textos acadêmicos aliando a prática à teoria); e Consultoria (acompanhamento da formatação dos projetos para apresentação final).

⁵ Bruna Cibely Brito, Larissa Corrêa, Pâmella Nunes e Ruth Maciel

O espaço: Donana – o Centro Cultural de portões abertos

O local escolhido para o desenvolvimento do curso foi o *Centro Cultural Donana* (ou, neste artigo, Donana) – no bairro Piam, município de Belford Roxo, Baixada Fluminense – devido sua importância e representatividade no contexto da produção cultural – principalmente, na cena musical – da Baixada.

O Donana surge na década de 80, como um local voltado para as artes e alfabetização de crianças, jovens e adultos, bem como, para exposições e festas voltadas para a produção artística da Baixada Fluminense, ou, como relata Érica Nascimento:

“Assim, passo a passo, alguns meio desajeitados, foi surgindo no quintal da casa de Dona Ana no final da década de oitenta, numa esquina qualquer de uma cidade que na época era conhecida como “a mais violenta do mundo”: o Centro Cultural Donana, na Rua Aguapeí, no bairro Piam, na cidade de Belford Roxo, região da Baixada Fluminense, município do Estado do Rio de Janeiro. Numa casa que antes de ser Centro Cultural já recebia a vizinhança. Nesta época, final dos anos 80 e início dos anos 90, além da escola e da música, surgiram atividades voltadas às artes, cultura afro, capoeira e moda.” (p.13, 2016)

De acordo com o *site* do espaço, ele tem sua origem a partir de uma casa sem muros e repleto de manifestações culturais e artísticas, além da possibilidade de reverter a imagem local através de suas ações e seu papel de mediação cultural entre público, moradores e artistas (NASCIMENTO, op. cit., p. 15). Do Donana nascem as bandas: KMD5 (ícone do movimento Reggae e Rock brasileiro), Negril e Cidade Negra.

Mas, devido a falta de recursos para manutenção do espaço, o Centro Cultural Donana fechou as portas entre o final da década de 90 e o início dos anos 2000. Foi através de parcerias como a feita com a banda O Rappa, a participação em editais (como o Cine Mais Cultura do Governo Federal) e iniciativa voluntária de agentes culturais, músicos, cineastas e artistas da Baixada Fluminense que o Donana voltou com sua atuação.

Hoje, o Centro Cultural Donana realiza um Cineclube, oficinas de capoeira, experimentação nas artes visuais (oficinas fotografia, vídeo e desenho), teatro e leitura e promover um Sarau de poesia. O espaço oferece, ainda, sua infraestrutura instrumentalizada com tela e projetor, sistema de som, microfones, computador, cadeiras e copa para a realização de atividades gratuitas que estimulem a produção artística-cultural da Baixada Fluminense.

O primeiro Curso de Elaboração de Projetos Culturais para Grupos da Baixada Fluminense compôs a programação do Donana de 11 de junho a 06 de agosto de 2016, com encontros aos sábados, das 9h às 12h.

Encontros, ministrantes, temas abordados e projetos desenvolvidos

Com carga horária total de 30 horas, o curso de extensão, gratuito, teve nove encontros presenciais que se dividiam em dois momentos: no primeiro momento o coordenador do projeto apresentava as etapas de projeto a serem desenvolvidos na semana vigente (problema, objetivos, justificativa, cronograma, orçamento, escrita e especificidades de diferentes editais); na segunda parte, o ministrante e/ou as alunas monitoras promoviam trocas acerca de assuntos específicos à elaboração de projetos culturais como ações de democratização de acesso e acessibilidade, plano de divulgação, Organizações da Sociedade Civil e Políticas Culturais na Baixada Fluminense, Política Cultural com/dos/nas Periferias; Economia da Cultura, Elaboração de projetos culturais; Captação de recursos; Gerência de recursos financeiros e prestação de contas; as novas cadeias produtivas na cultura e; elaboração de orçamento e cronograma físico-financeiro.

Dentre os/as ministrantes, além das próprias alunas bolsistas e do coordenador do projeto, tivemos a participação de professora(s) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, FUNARTE, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, de uma ativista cultural e dos coordenadores da Agência de Comunicação Comunitária #TudoNosso (Nova Iguaçu).

Para além dos encontros presenciais em que os temas eram expostos com auxílio de slides, a equipe de alunas e coordenador, encaminhavam os materiais das aulas e complementares para os e-mails dos participantes; promoviam fóruns de discussão sobre os assuntos por meio de grupos no Facebook e/ou no aplicativo WhatsApp e, já nos encontros finais, consultoria via e-mail na escrita final dos projetos daqueles/as participantes que quisessem apresentar.

O público-participante: nós da rede

Abrimos as inscrições para 40 vagas, um mês e meio antes do início do curso. A divulgação, além de feita por meio de cartazes colados no Donana, em outras Casas de

Cultura da Baixada, nos *Campi* Nilópolis e Maracanã do IFRJ, foi feita nas Redes Sociais. As inscrições poderiam ser feitas presencialmente no Donana ou através do e-mail do curso. Fomos surpreendidos com uma pré-inscrição inicial de mais de 50 candidatos.

Dentre os inscritos, o curso efetivamente contou com trinta e quatro participantes, dentre estes, agentes culturais, artistas, representantes de coletivos de arte e cultura, estudantes de ciências sociais, até psicólogos, brincantes, assistentes sociais e microempreendedores residentes ou atuantes em Nova Iguaçu, Belford Roxo, Duque Caxias, Nilópolis e Rio de Janeiro.

Dentre o que foi trocado e compartilhado de parte dos participantes, destacamos a necessidade de saber como usufruir de editais de fomento direto, haja vista, a dificuldade de captar via lei de incentivo; aprender a escrita específica e mecanismo de parceria; a recorrente reclamação da escassez ou ausência de ações das prefeituras e secretarias de cultura quanto à promoção de cursos de elaboração, visto que, esperavam maior realização de políticas para a área da cultura, afinal, todos os doze municípios da Baixada contam, senão com uma Secretaria Municipal de Cultura ou uma subsecretaria de cultura, pelo menos alguma pasta em que a cultura aparece. Além disso, dificuldades como: acesso à internet; compreensão de conteúdo; organização de ideias e apoio de companheiros dos coletivos pertencentes; e, principalmente, transporte para chegar a Belford Roxo – foram as principais e mais repetidas demandas.

No final do curso, foi previsto um dia para a apresentação dos trabalhos que poderiam ser feitos de forma coletiva e/ou individual. Contudo, apenas duas duplas e um trabalho individual, foram expostos de forma incompleta em formato de ideia, inviabilizando a assessoria prevista pela equipe do curso. Consequentemente, não sabemos de nenhum projeto que tenha sido desenvolvido a partir da elaboração e formatação de projeto.

Entretanto, há de se pontuar que, mesmo sem a reverberação em projetos, a rede de conhecimento foi proposta enquanto processo, compreendida pelos participantes como ferramenta de pertencimento, de trocas de metodologias de fazer e saber, de análise crítica e importância política de compreender e se envolver nas discussões sobre a Baixada Fluminense, a produção cultural local e o que é (ou não é) proposto e desenvolvido pelas políticas públicas locais. E ainda: que os grupos de Facebook e WhatsApp continuaram como instrumento na troca de material, fórum de discussão e

encaminhamento de oportunidades de editais, vagas e cursos, além da aproximação de laços do Curso de Bacharelado em Produção Cultural com o entorno.

A finalização do primeiro Curso de Elaboração de Projetos Culturais para Grupos da Baixada Fluminense foi realizada com uma roda de samba promovida pelo Centro Cultural Donana como uma forma de celebrar a realização da primeira parceria entre o Centro Cultural e o IFRJ.

Desdobramentos e considerações finais

Quando falamos em organizar um setor, estamos objetivamente falando de estruturas de sistematização. No campo da cultura, efetivamente, estamos falando de fortalecer a política pública de cultura que passa, nos tempos atuais por grande retrocesso. Para tentar conter a cena atual e, quando possível reverter for, planejar e executar estratégias contínuas que assegurem a participação social, universalidade o acesso aos bens, serviços e informações culturais:

Los estudios recientes tienden a incluir bajo este concepto al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituciones civis y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. Pero esta manera de caracterizar el ámbito de las políticas culturales necesita ser ampliada teniendo en cuenta el carácter transnacional de los procesos simbólicos y materiales en la actualidad. (CANCLINI, 2005, p.74)

Portanto, por mais que no primeiro curso o objetivo de que os grupos melhor se articulassem visando não apenas redes afetivas ou de trocas de informação e conhecimento, mas, de promoção de ações em rede, não tenha apresentado os resultados esperados, em 2017, realizaremos a segundo Curso de Elaboração de Projetos Culturais para Grupos da Baixada Fluminense.

A segunda edição do curso acontecerá no Gomeia Galpão Criativo (aqui também mencionado como Galpão Gomeia), localizado no bairro Jardim Vinte e Cinco de Agosto, município de Duque de Caxias. O Galpão Gomeia é outro importante espaço-marco na/da Baixada Fluminense, pois

surgiu da necessidade de coletivos culturais e empreendimentos criativos da Baixada Fluminense se reunirem sob uma mesma laje para potencializarem projetos e ações, compartilharem recursos e clientes, co-criarem iniciativas e gerirem, juntos, um galpão e todas as suas atividades (site Galpão Gomeia)

Em outras palavras, uma referência enquanto grupo de empreendimentos criativos articulado em rede com compartilhamento de espaço físico e trocas colaborativas de serviços entre si (*coworking*) para atuação sob os conceitos da Economia Criativa em consonância com os princípios da Economia Solidária (GUERREIRO, 2015): primeira experiência assim na Baixada Fluminense.

Com as apreensões obtidas no primeiro curso, pretendemos aperfeiçoar a metodologia aos múltiplos fazeres e saberes: além das aulas presenciais com carga horária total de 30 horas e ambiente virtual para envio e troca de materiais, disponibilizaremos material impresso com todo conteúdo programado pelos/as ministrantes. Além disso, almejando melhor aproveitamento das aulas, será proposto aos participantes apresentação e avaliação contínua das partes dos projetos por módulo e a criação de uma comissão de consultoria composta por especialistas das áreas de artes cênicas, visuais, audiovisuais e música que, ao final, irá analisar os projetos e aprimorá-los.

Vale destacar que, com a interinstitucionalidade alcançada, a potencialidade das ações que foram e podem ser desenvolvidas, principalmente, o engajamento dos profissionais e alunas participantes numa iniciativa concreta de ir “além dos muros do Instituto” e maior envolvimento e criação de saberes junto à comunidade da Baixada Fluminense, verifica-se e reforça-se a importância de cursos como esses com maior participação de pessoas também em sua concepção e realização.

Em 2017, contaremos com a participação de profissionais da Universidade Federal Fluminense (UFF), especialmente do Laboratório de Ensino de História da FEUFF, integrando os debates sobre a formação histórica da região e o fortalecimento dos patrimônios históricos e culturais da Baixada Fluminense, assim como, outros grupos e com os professores que se dispuseram a participar dessas oficinas de troca de saberes que oportunizem a tal geração de redes e desenvolvimento de territórios produtivos (GUERREIRO, op. cit.) com/da/na Baixada Fluminense, afinal, conforme iniciamos nosso artigo: “é dever de todos, ampliar e qualificar a formação no campo da cultura”.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. MINC. **Guia de Orientações para os Municípios – Perguntas e Respostas**. 2011.

CALABRE, L. **Políticas Culturais no Brasil dos anos 1930 ao século XXI**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2009.

_____. **Política Cultural e participação social: urgências contemporâneas**. Oficina de Capacitação em Gestão e Produção Cultural promovida pelo Ponto de Cultura Captar - Programa de Capacitação Contínua. Rio de Janeiro. 25 de março de 2017.

Garcia Canclini, Nestor. **Definiciones en transición**. *En libro: Cultura, política y sociedad Perspectivas latinoamericanas*. Daniel Mato. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005. pp. 69-81. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/mato/GarciaCanclini.rtf>. Acesso: 13 de maio de 2017.

CENTRO CULTURAL DONANA. **A história do Centro Cultural Donana**. Disponível em: <<http://gomeia.com.br/galpao-criativo/>>. Acesso: 13 de maio de 2017.

FÓRUM CULTURAL DA BAIXADA. **Carta Cultural da Baixada Fluminense**. Acesso: 10 de maio de 2017. Disponível em: <<http://forumculturalbfluminense.org.br/tag/municipios-da-baixada-fluminense/>>

GOMEIA GALPÃO CRIATIVO. **Sobre o Gomeia**. Disponível em: <<http://gomeia.com.br/galpao-criativo/>>. Acesso: 13 de maio de 2017.

GUERREIRO, J. L. **Projeto de extensão - II Curso de Elaboração de Projetos para Grupos Culturais da Baixada Fluminense**. IFRJ, Nilópolis. 2016.

NASCIMENTO, E. S. O. **Um lugar chamado Centro Cultural: A Casa de Don'ana e as práticas e re-existências na Baixada Fluminense**. Niterói, 2016. Dissertação (Mestrado em Mediações, Saberes Locais e Práticas Sociais). Programa de Pós-Graduação e Inovação Instituto de Arte E Comunicação Social Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense.

ONOFRE, L. F. **De dia formiga, de noite na farra: articulações de uma Baixada Cultural**. Duque de Caxias, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas). Programa de Pós- Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Centro de Educação e Humanidades Faculdade de Educação da Baixada Fluminense.

PERAFÁN, M. E. V.; OLIVEIRA. H. Território e Identidade. In: SECRETARIA DE CULTURA DA BAHIA. **Coleção Política e Gestão Cultural**. 2013. Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=118>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

RUBIM, A. A. C. Pensar, agir e organizar o campo da cultura. In: SECRETARIA DE CULTURA DA BAHIA. **Coleção Política e Gestão Cultural**. 2013. Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=118>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

_____. **Políticas Culturais entre o possível e o impossível.** Disponível em: <<https://politicasculturais.files.wordpress.com/2009/03/politicas-culturais-entre-o-possivel-e-o-impossivel.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

SANTOS, Milton. **Conferência** de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense. GEOgraphia. Ano. 1 N. 1, 1999.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Baixada Fluminense, sociedade e natureza.** Mesquita: Entorno, 2011.

VILUTIS, L. Redes e Consórcios. In: SECRETARIA DE CULTURA DA BAHIA. **Coleção Política e Gestão Cultural.** 2013. Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=118>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.